

Camões e Macau num romance neerlandês

*Patrícia Couto
com Arie Pos*

EM 1932, O ESCRITOR NEERLANDÊS J. J. SLAUERHOFF (1898-1936) publicou um romance no qual Macau e Camões surgem como dois dos protagonistas principais. O livro tornou-se um clássico da literatura neerlandesa e desde o ano passado existe também uma tradução portuguesa. Quem era Slauerhoff, de onde veio o seu fascínio por Macau e Camões, e que livro escreveu?

Texto de J. J. Slauerhoff

JAN SLAUERHOFF NASCEU EM 1898 EM LEEUWARDEN, capital da Frísia, uma das províncias mais nórdicas dos Países Baixos. O seu pai era comerciante e a mãe era oriunda de Vlieland, uma ilha a Norte da Frísia. Desde jovem revelou possuir uma saúde muito frágil e sofrer de asma. Por essa razão, passava as férias de Verão na ilha de Vlieland em casa dos avós maternos, junto ao mar, elemento que tanto o atraía. No Inverno, era obrigado a passar grandes temporadas fechado em casa, entretendo-se a ler aventuras passadas no mar e em terras longínquas.

Em 1916 parte para Amsterdão para estudar Medicina. Foi durante esses anos de estudante que publicou os seus primeiros poemas em revistas literárias. Revelou desde logo fortes afinidades com poetas «malditos» como Villon, Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Corbière, e com Hölderlin, Poe e Rilke. Ainda antes de terminar o curso de medicina, fez uma viagem de navio e conheceu o Porto. Da impressão que a cidade lhe causou, restaram um poema «Portugeesch fort» («Forte português»), a vontade de voltar a Portugal e a certeza de querer passar o resto da vida no mar.

Logo após a sua formatura em finais de 1923, deixou a terra natal a caminho de culturas remotas e para tentar a sua sorte como médico de bordo. Embarcado para o Extremo Oriente, onde esperava um contrato numa companhia marítima das Índias holandesas, adoeceu. Ao chegar

a Batávia viu-se forçado a voltar para Holanda. Em Setembro de 1925 estava de volta a Batávia, onde assinou um contrato por dois anos na «Java-China-Japan Lijn». Nos navios desta companhia cruzou os mares da China a partir da ilha de Java, navegando ao longo da costa chinesa, Filipinas, Coreia e Japão. Da Ásia, enviava para jornais neerlandeses pequenas crónicas de viagem onde relatava as suas impressões. Em 1927 publicou um livro de poemas *Oost-Azië* (Extremo Oriente) que inclui uma secção dedicada a Macau, constituída por cinco poemas: «De jonken» («Os juncos»), «Kathedraal S. Miguel»¹ («Catedral de S. Miguel»), «Uitzicht op Macao van Monte af» («Vista de Macau a partir da fortaleza do Monte»), «Ochtend Macao» («Aurora Macau»), e «Camoës» («Camões»).

De Março de 1928 a Fevereiro de 1931, altura em que adoece de novo gravemente, trabalhou como médico de bordo em navios da Lloyd Real Holandesa na carreira Amsterdão-Buenos Aires v.v., com escala obrigatória em Lisboa. Recordações das suas visitas à metrópole encontramos na colectânea de poesia *Soleares* (1933), que contém uma secção intitulada «Saudades» onde encontramos poemas com títulos em português: «Lisboa», «Fado's», «Vida triste», «O engeitado», «Saudade» e «Fado».

Numa das viagens para a América Latina, Slauerhoff terá conhecido Albino Forjaz de Sampaio, com quem partilha o fascínio por Luís de Camões. Sampaio homenageou o seu amigo com a publicação de duas fotografias de Slauerhoff, uma junto à estátua de Camões, em Macau, e outra a bordo do navio, na *História da literatura portuguesa ilustrada* (1930)², de que ele era o editor. Por sua vez o escritor neerlandês dedicou a Forjaz de Sampaio o Prólogo do romance *Het verboden rijk* (1932). No mesmo período Slauerhoff fez ainda traduções do espanhol e do português, entre as quais de *O crime do Padre Amaro* de Eça de Queiroz.

Desde Setembro de 1932, desempenhou funções de médico noutras companhias, via-

jando para a costa oriental africana. No Verão de 1935, fez uma última viagem a África. Ao visitar Moçambique, encontrou na Beira o famoso cantor de fados e colega-médico António Menano. Durante a sua estadia em Moçambique contraiu de novo malária. A sua saúde já fortemente debilitada impediu a convalescença. Após um ano de sofrimento, morreu, vítima de tuberculose, nos Países Baixos. Tinha apenas trinta e oito anos.

Praticou por breves períodos de tempo medicina nos Países Baixos, onde o clima era desfavorável à sua saúde. À procura de um clima melhor fixou-se, em 1934, em Tânger, de onde partiu de novo passado meio ano. Ainda investigou as possibilidades para abrir um consultório em Portugal ou em Espanha. Todavia, era incapaz de permanecer no mesmo local por muito tempo e acabava sempre por voltar a embarcar. Também as suas relações pessoais – com amigos e mulheres – eram marcadas pela inconstância. Toda a sua existência foi dominada por um forte desassossego. Não suportava viver na sua pátria pequena e tacanha, onde lhe faltava, em sentido literal e figurativo, o ar. Procurava incessantemente conhecer mundos longínquos, que nunca o satisfazem. E uma vez de volta ao mar, ansiava regressar a terra.

Considerado por outros uma pessoa insolente e imprevisível, ele próprio se sentia um poeta incompreendido, enjeitado até, e a sua inquietação forçava-o a um auto-exílio. A sua poesia foi, no entanto, bem recebida pela crítica da época. Em 1934 recebeu um importante prémio literário pela colectânea *Soleares*. Ao longo da sua curta vida publicou uma dezena de colectâneas de poesia, três romances, dois livros de contos e uma peça de teatro.

Nas suas viagens foram frequentes os encontros com o «mundo português», na Ásia (Macau), na Europa (Lisboa), na América Latina (Brasil) e na África (costa da Guiné, Moçambi-

Slauerhoff numa fotografia de 1928.



que). Os vários lugares ligados à história do império português exerceram uma forte atracção sobre o poeta neerlandês e não é de estranhar que a sua obra reflectisse esse fascínio. Em toda a sua obra o tempo possui um poder corrosivo e conduz inevitavelmente à decomposição e à morte. A sua visão do mundo era dominada pela ideia que vivia na época do declínio da cultura ocidental. Desencantado com a vida moderna, virava-se para o passado, onde não só procurava inspiração para as suas criações literárias, mas também o contacto com as almas igualmente atormentadas de poetas malditos de outros tempos. É contra este pano de fundo que desenvolve o seu fascínio pelo passado portu-

guês e pela figura de Camões. Para Slauerhoff a época dos Descobrimentos portugueses representa o ciclo de ascensão e queda numa forma muito concentrada. Entre a descoberta do caminho da Índia por Vasco da Gama e o ano de 1580 em que Portugal perde a independência e morre Camões, o país conseguiu dar novos mundos ao mundo, fundar um Império, juntar riquezas imensas e perder tudo. Por fim, uma catástrofe clássica na forma de um terramoto destrói em 1755 a cidade de Lisboa. Portugal e Macau surgem como espaços protótipos da transitoriedade da glória.

A história de Portugal adequa-se assim à sua própria mundividência. Lisboa e Macau são os lugares que reflectem o seu próprio mal-estar. O que o fascina na cidade de Lisboa é a beleza da decadência: a imponência dos monumentos históricos, testemunhas silenciosas de um passado grandioso, ao lado das ruínas e dos bairros miseráveis da Mouraria e de Alfama. As cores claras das ruas e as praças banhadas pelo sol que contrastam com as vielas escuras e degradadas. Na saudade e no fado reconhece a expressão perfeita da sua própria nostalgia e do seu próprio fatalismo. Identifica-se com a tristeza e a apatia das pessoas que encontra nas ruas estreitas e caóticas, transformando-as nas personagens melancólicas dos seus poemas, naufragados na vida que erram sem rumo. *Outcasts* como ele, isolados na sua letargia que as impede de participar na vida activa. Só lhes resta a meditação e a certeza de que tudo é inútil e vão.

Camões na perspectiva de Slauerhoff

Tal como faz de Lisboa e Macau projecções do seu próprio mal-estar, transforma também a figura de Camões. Reconhece nele um poeta maldito a seu modo e transfigura-o da mesma maneira que transfigurou os outros poetas com quem se identificava, isto é, transpondo para eles as suas próprias obsessões³. De todos estes

poetas Camões é a personagem mais recorrente na obra de Slauerhoff.

Para além do poema já referido, publicado em *Oost Azië*, incluiu um poema intitulado «Camoës' thuiskomst» («Regresso de Camões») numa nova colectânea chamada *Eldorado* (1928). Em 1932 é editado o seu primeiro romance *Het verboden rijk*, traduzido para português sob o nome *O reino proibido*⁴. Aqui uma das duas personagens principais é baseada na figura de Luís de Camões. Em 1935 é publicado o conto «Laatste verschijning van Camoës» («A última aparição de Camões»). Neste conto surge novamente o protagonista de *O reino proibido*. Poucos meses antes da morte de Slauerhoff ainda foi publicado um outro poema intitulado «Camoës», na colectânea *Een eerlijk zeemansgraf* (Um honroso jazigo de marinheiro).

Estamos assim perante um fenómeno curioso: nos poemas, no romance e no conto, Slauerhoff apresenta-nos uma personagem cha-

mada Luís de Camões que é uma versão transfigurada da personagem histórica. Dá-se, portanto, o caso algo contraditório de Slauerhoff denotar uma quase-obsessão pela figura de Camões, ao passo que a figura que apresenta tem pouco a ver com o verdadeiro Camões, mas, pelo contrário, muito mais com o próprio Slauerhoff.

Verdade é que Luís de Camões e a sua obra, constituída por elementos antagónicos que fazem dele um poeta complexo, colocam o leitor perante perspectivas contraditórias. Se por um lado ganhou fama mundial como autor de uma epopeia heróica como *Os Lusíadas*, ele é igualmente o poeta que nos revela um mundo desconcertado. A escassez de documentos acerca da sua biografia aliada às ambivalências na sua obra reflectem-se no surgimento de episódios famosos ou simbólicos acerca da vida de Camões que posteriormente proporcionaram a criação da imagem do poeta incompreendido e

«Nos dias que passou em Macau ganhou inspiração para o seu primeiro romance. Slauerhoff associa a cidade a um ambiente onírico, irreal, onde o tempo parece estar suspenso, onde o presente coincide com o passado e o Ocidente com o Oriente».



maldito⁵. Sobretudo na Alemanha esta interpretação da figura de Camões popularizou-se, tornando-se sujeito de *Künstlernovellen*, óperas e peças teatrais⁶.

De facto, alguns elementos biográficos ou lendários de Luís de Camões coincidem com a figura fictícia do romance de Slauerhoff. Assim ambos são poetas portugueses do século XVI, enviados pelo Rei para o Extremo Oriente, sofrem um naufrágio de onde salvam a obra, vivem um amor impossível e, abandonados, dedicam-se à escrita de uma epopeia numa gruta em Macau. Há, para além disso, uma variedade de outros pormenores que remetem para a vida e obra do verdadeiro Camões, mas que, tal como os referidos elementos, foram deslocados no tempo e no espaço pelo romancista. O mesmo aconteceu com outros factos históricos. A verdade é que Slauerhoff se tinha documentado amiúde antes de escrever o romance. No que diz respeito à vida e obra de Camões, as fontes mais importantes utilizadas foram justamente a parte dedicada ao poeta na *História da literatura portuguesa ilustrada* e a biografia da autoria do historiador alemão Reinhold Schneider, *Das Leiden des Camoes oder Untergang und Vollendung der portugiesischen Macht* (A Paixão de Camões, ou o Declínio e o Fim do Poder Português, 1930). A segunda obra teve uma influência decisiva no romance, já que apresentava os factos históricos sob uma perspectiva muito parecida com a do próprio Slauerhoff. Muito eloquentemente, Schneider desenvolvia a tese do declínio do poder português, realçando Camões como a figura na qual cumulava a glória do Portugal quinhentista, que ao mesmo tempo eternizou em *Os Lusíadas*. Assim, Slauerhoff tinha à sua disposição toda uma teoria de factos pré-interpretados à luz da tese do declínio, da qual pôde utilizar o que lhe vinha mais a propósito. E o propósito era utilizar os factos históricos como simbolizações numa narrativa que

expressasse a sua própria mundividência e o seu próprio mal-estar no mundo moderno através das histórias interligadas de Portugal, Macau e Camões do século XVI.

Daí que a personagem de Camões que Slauerhoff apresenta tem, propositadamente, muito mais a ver com o poeta maldito moderno do que com o poeta renascentista português. O protagonista do romance é arrogante, mal-educado, hostil, passivo, antipatriótico e solipsista. Ele abomina a pátria, o rei, e, em resumo, todos os que se aproximam dele, com excepção de duas mulheres, Diana e Pilar, mas o que mais odeia é o seu talento poético. Além disso ainda sofre de delírios e de alucinações que o levam à loucura. O protagonista do romance revela ser uma transfiguração premeditada da figura histórica de Luís de Camões. Transfigurado para assemelhar-se à imagem que Slauerhoff queria transmitir, que era a de um poeta maldito moldado como um *alter ego* do autor, como uma espécie de irmão-gémeo seu que viveu no século XVI.

Macau

No último dia do ano de 1926, após mais de um ano de viagens pelo Extremo Oriente, Slauerhoff chegou pela primeira vez a Macau, vindo de Hong Kong, onde o seu navio estava aportado por algum tempo.

No espólio do poeta foram encontradas várias folhas com apontamentos que documentam a sua primeira visita a Macau e que podem dar-nos uma ideia das suas primeiras impressões:

«Foi, com certeza, há muito que deixei Hong-Kong, a cidade inglesa no Extremo Oriente, para chegar aqui no Mediterrâneo. Ainda não sei onde, desconfio que estou algures na costa espanhola entre Valência e Barcelona. Avisto uma catedral, um farol branco no cimo duma rocha, casas com loggias abertas e uma linda avenida numa curva a volta da baía. Mas não está ali escrito, em letras gar-



«Tudo leva a crer que tenha sido na sua primeira estadia em Macau que nasceu também o seu fascínio por Camões. Visitou a gruta do poeta e nos seus apontamentos descreveu um encontro imaginário com ele».

rafais no cimo de uma rocha, Hotel Boa Vista? Então, seria Portugal? Portugal não tem costa mediterrânea. O navio muda de rumo e vejo, para susto meu, que a catedral altiva consiste apenas em uma fachada, por detrás nada mais do que ruínas. Agora consigo descortinar algo por entre as duas colinas, entre a fortaleza e a colina do farol. Por detrás distingo inegavelmente telhados chineses. Onde estou, na China ou no Sul da Europa? [...] Que consolo errar por esta cidade de civilização antiga, conhe-

cido por ninguém mas todavia cumprimentado por alguns, onde, num jardim pequeno, mulheres entrelaçam flores nos cabelos negros. Que milagre desembarcar; no derradeiro dia dum ano de exílio, num vestígio da cultura mediterrânea. Pensamentos tão profundos não me ocupavam naquele momento. Sentia-me só, pela primeira vez após meses e meses, em perfeita harmonia com o ambiente, e isto provoca uma felicidade que é incomparável àquela em que a vida se exprime.

O monumento a Camões

Numa tarde abrasadora, permiti-me um passeio através de um labirinto fedorento e um formigueiro de pessoas, para visitar um local único na China e em toda a Ásia oriental: o monumento dedicado a um famoso poeta europeu! Seria obviamente escusado procurar tal coisa numa colónia inglesa. Encontrei-a em Macau, a última e decadente possessão portuguesa no Oriente, onde outrora dominavam. Desprezado por aqueles que avaliam um lugar pelo movimento de negócios, amado por aqueles que sabem ainda sentir o que evoca, o que aqui é muito: a atmosfera de um passado glorioso e o encanto do sul-europeu no outro lado do globo, portanto duplamente exótico.

Curiosamente, uma pessoa tem de deixar esta atmosfera para trás e passar pelo referido labirinto para chegar ao monumento, a Gruta de Camões, situada na mesma solidão que foi a da sua vida entre os seus compatriotas.

Um jardim desleixado, flanqueado por estufas de vidros partidos, e ao fundo um outeiro coberto de vegetação. Lá em cima, ergue-se uma estrutura de pedras grandes que no meio deixa aberta uma espécie de

câmara, fechada à luz do dia pela sombra das árvores. Que local ermo. Conta-se que Camões escreveu aqui *Os Lusíadas* e aqui se refugiava. Conta-se também que deu à costa como náufrago, o seu manuscrito na mão erguida, para evitar que se molhasse.

Deve ser um mito.

Em cima do pedestal, onde se encontram exaradas estrofes de *Os Lusíadas*, está um busto pequeno com pêra e gola de renda, género Guilherme, o Taciturno. Nos bancos em volta estão sentados jovens chineses em traje faustoso. Não se incomodam com a cara estrangeira.

Nas paredes de rocha foram colocadas placas de mármore com versos de Tasso, Quevedo, Sir John Bowring e outros. Faço algumas cópias sem a assistência fazer comentários. Acham possível que um chinês, em Amsterdão, possa fazer, por exemplo, um desenho de Thorbecke, na praça do mesmo nome, sem ser molestado?

Em retribuição da cortesia, não importuno o cule que dorme no nicho onde está gravado o pranto e a saudação que Rienzi dirigiu a Camões («voyageur, poète et soldat comme lui»), apesar de o seu corpo estendido ao comprido me ocultar as linhas finais.

J. J. Slauerhoff: «Camoês' monument»,
De Locomotief, 24 de Setembro de 1927.

A porta para a China

O ferry tornou-se em *hydrofoil* e chama-se «Flying Ibis», um navio-voador, a arfar nas ondas castanho-amareladas do porto de Hong Kong. Sobre o cais flutua a bandeira inglesa, o mar está picado, no ancoradouro os navios do tempo de Slauerhoff, aqui não terá mudado muito. Rebocadores, barcos de cabotagem descoloridos, juncos e champanas. A luz do sol é branca e pica nos olhos, trespassa as ondas agitadas como uma faca e por pouco não me cega a vista. Com dificuldade consigo ler os nomes de navios reluzentes ou chamuscados que esperam para entrar no porto, o New Sea Pioneer, o Kotan Mari, o Pacific Courier, o Oriental Express. Navegamos perto da costa ao longo das Hong Kong United Dockyards, a terra é íngreme e pedregosa, coberta de vegetação seca, a pele de um animal velho. O navio acelera, a água castanha salta em espuma para as janelas, passado algum tempo deixo de ver terra, apenas gai-

Macau era solitária, decadente e fatigada, e eu também. Macau perdurava numa beleza própria, à margem, apesar de Hong-Kong, apesar da supremacia inglesa, da perda das colónias, da podridão da terra-mãe. Perdurava como por milagre. Então, por que havia eu de perecer inteiramente?»⁷.

O que o atrai são as ruínas, os vestígios do esplendor do passado. Macau representa a decadência da civilização ocidental, da qual a fachada da Catedral de S. Paulo é o símbolo máximo. Ao mesmo tempo, e, paradoxalmente, Macau, situada no Extremo Oriente, junto da imensa China, permanece como única esperança para uma regeneração. Macau é uma zona de transição entre a cultura ocidental e a

votas que, negras, mergulham no prateado e se dissolvem nele. À minha volta fala-se chinês; sonolento, ouço as explosões atenuadas daquela língua secreta, até que, de repente, apanho uma palavra que reconheço: Macau. Obviamente nunca foi uma palavra portuguesa, mas só agora, pela sua pronúncia, me dou conta do facto.

Este tipo de navios não têm convés, pelo que não posso ver a ilha surgir no horizonte, como tinha esperado, mas para além dos véus castanhos vislumbro qualquer coisa, terra, um traço indefinido, árvores, colinas, deve ser aí. Desembarcamos num embarcadouro em madeira e arrastamos os pés em fila indiana para a alfândega, para mim a terceira no mesmo dia, mas desta vez tenho de preencher impressos portugueses. Quando saio do edifício da alfândega, o calor bate-me na cara. Amigos tinham-me recomendado que me alojasse no Hotel Bela Vista e o inevitável táxi velho leva-me até lá. Vozes chinesas na rádio, nomes de ruas portuguesas, Avenida da Amizade, Rua da Praia Grande, Rua

vasta imensidão do vazio impessoal que a China representa para Slauerhoff. É o lugar onde encontra um ambiente em perfeita sintonia com a sua própria alma fatigada e decadente.

Nos dias que passou em Macau ganhou inspiração para o seu primeiro romance, no qual a colónia tem um papel crucial. Slauerhoff associa a cidade a um ambiente onírico, irreal, onde o tempo parece estar suspenso, onde o presente coincide com o passado e o Ocidente com o Oriente. É nesta atmosfera de decadência e estagnação que se desenrola grande parte de *O reino proibido*. Tudo leva a crer que tenha sido na sua primeira estadia em Macau que nasceu também o seu fascínio por Camões. Visitou a gruta do poeta e nos seus apon-

da Praia do Bom Parto. Colinas, palácios caídos em ruínas, olmeiros, juncos com velas em forma de asas de dragões, tudo está como deve ser.

Também o hotel está a cair em ruínas, pintado como uma velha atriz. O hall tem as dimensões dos prédios grandes nos trópicos, um ventilador barulhento faz circular o mesmo ar quente, o meu nome é apontado num livro grande, onde desde agora ficará guardado para sempre, um rapaz taciturno leva-me para o meu quarto, um cubículo pardo onde ainda pairam os maus sonhos de hóspedes anteriores. Manchas, fendas, rachas, a torneira que começa a ladrar como um cão e vomita uma água ferrugenta, e um espelho igual ao de hoje de manhã, em Tóquio, cheio de um cancro de pele acastanhado e deformador, através do qual dou de caras com uma pessoa estranha e transtornada.

Da janela do quarto de banho cinzento tenho vista sobre o mar castanho e a Praia Grande, e o que vejo bate certo:

tamentos descreveu um encontro imaginário com ele. Slauerhoff voltou a Macau pelo menos mais uma vez e escreveu várias crónicas de viagem nas quais deu conta das suas experiências. Uma delas relata uma visita à gruta de Camões.

O reino proibido

O romance revela um mundo em decomposição e em conflito, dominado pela animosidade entre chineses e portugueses e é constituído por três linhas narrativas que se entrecruzam e se sobrepõem. Uma primeira relata a história de Macau, desde os acontecimentos que por volta de 1540 levaram à sua fundação até ao início deste século. A imagem dada segue a linha de ascensão e queda apresentada na obra de

*os jardins,
Onde, por entre o floreado,
Palácios derramam o seu fausto*

*Em ruínas, até lá em baixo,
Onde a graciosa Praia Grande
Lança os alvos braços em volta
Do ancoradouro assoreado,
Para sempre abandonado...*

O único outro quarto no meu corredor tem alguma coisa a ver com a Cruz Vermelha, à porta está um cesto com lençóis para lavar, do WC vem, flutuante e insistente, o cheiro inconfundível de urina, e de uma maneira estranha sei que tem de ser assim. Um absurdo, obviamente, mas é que tudo isto está de acordo com a imagem que trazia. Lá fora vejo que metade do hotel está em obras, tal como mais tarde vejo que metade de Macau está a ser deitado abaixo: daqui a dez anos temos aqui uma Singapura esterilizada, com bancos e duty free shops. Até a decadência é perecível.

C. Nooteboom: «De poort naar China» (fragmento),
in *Voorbije Passages* Dezembro 1981.

C. A. Montalto de Jesus, *Historic Macao. International Traits in China old and new* (1926). Trata-se de uma reedição da obra publicada em 1902, aumentada com uma parte bastante crítica em relação à política governamental e ao futuro de Macau. Logo após a sua publicação foi proibida e queimada pelas autoridades⁸. Não obstante, Slauerhoff adquiriu um exemplar do livro durante a sua primeira visita a Macau. Utilizou-o como fonte de informações acerca da história da colónia portuguesa. Mais uma vez, tal como foi o caso com a biografia de Camões da autoria de Schneider, a obra fornecia uma visão e interpretação dos acontecimentos históricos que correspondia à visão do próprio Slauerhoff. E mais uma vez ele utilizou os dados para servir

os seus intentos, de forma aleatória, transfigurando-os e deslocando-os no tempo e no espaço. Assim, encontramos no Prólogo que trata da fundação de Macau dois protagonistas chamados Farria e Mendes Pinto e um *remake* do episódio da vingança de António de Farria em resposta à destruição de Liampó pelos chineses, como relatado por Fernão Mendes Pinto na sua *Peregrinação*. Slauerhoff baseou-se no resumo do episódio que encontrou em *Historic Macao*.

Uma segunda linha narrativa descreve a vida de Luís de Camões na corte de Lisboa, a viagem de navio para o desterro, o naufrágio (aqui situado em frente à baía de Macau), um segundo exílio – desta vez para a China – e a travessia pelo deserto chinês. As duas linhas juntam-se quando Camões chega a Macau.

A terceira linha narrativa conta a vida dum radiotelegrafista anónimo de origem irlandesa, que nos inícios dos anos trinta do nosso século se encontra embarcado no Mar de China. O radiotelegrafista apanha sinais misteriosos que mais tarde se mostram ligados à vida de Camões. Através dos sinais, o espírito do poeta consegue tomar conta do espírito do radiotelegrafista. Também ele sofre um naufrágio e é obrigado a atravessar o deserto chinês. Ambos vagueiam à beira da morte pelo deserto, onde se dá por fim uma «sobreposição» das duas personagens. As duas personagens confluem e no corpo do radiotelegrafista (mas vestido nas roupas de Camões) conseguem voltar a Macau, onde o radiotelegrafista se liberta da influência avassaladora do poeta, que se refugia na sua gruta, dedicando-se exclusivamente à composição da sua epopeia. O radiotelegrafista volta para Hong Kong para retomar a sua vida, na ciência de que os espíritos do passado não o podem libertar do seu próprio destino.

O que pode parecer um romance histórico é, pelo contrário, um complexo e arrojado romance simbólico que trata do problema da



«Numa tarde abrasadora, permiti-me um passeio através de um labirinto fedorento e um formigueiro de pessoas, para visitar um local único na China e em toda a Ásia oriental: o monumento dedicado a um famoso poeta europeu». (Slauerhoff, 1927).

identidade do homem moderno e da questão da inspiração poética. O radiotelegrafista pode ser interpretado como mais um *alter ego* do autor, desta vez na sua qualidade de poeta maldito moderno que se deixa inspirar por poetas malditos de outros tempos. A inspiração procurada ameaça a identidade do poeta moderno.

É com este mesmo sentido simbólico que no romance a linguagem é sempre apresentada como um instrumento inadequado, que conduz à falta de comunicação, ao isolamento e à morte. Também a linguagem está sujeita à corrosão do tempo. As palavras perderam a sua força, elas desvalorizaram-se na troca diária. No romance, praticamente não encontramos diálogos. Também as cartas nunca são respondidas, as ordens

Hotel Bela Vista. Fotografia de Eduardo Grilo.



e conselhos não são ouvidos por ninguém. A profunda crise em que os dois protagonistas se encontram é a dum mundo fragmentado, sem coesão interna, porque foi o verbo, a palavra no sentido de *logos*, que perdeu o seu poder ordenador e criador. Quer isto dizer que também a palavra é fragmentada e que cabe aos protagonistas restaurá-la.

A busca desta palavra matriz é uma longa e perigosa expedição, tal como fora a viagem de Vasco da Gama. Desta vez o rumo não leva ao outro lado do mundo, mas para dentro, para o subconsciente. Abandonado no deserto chinês, numa alucinação próximo da morte, o radiotelegrafista é possuído por Camões, seu subconsciente é o receptor do canto do poeta português. É preciso procurar nas ruínas do passado, da tradição literária – aqui representada na figura de Luís de Camões –, os resíduos para construir um novo canto. O radiotelegrafista sobrevive porque é salvo por Camões e porque se salva de Camões, expulsando-o. Se necessita da tradição literária, também precisa de se distinguir dela para poder construir a sua própria identidade.

O texto que perverte *Os Lusíadas*, é ao mesmo tempo construído à base de fragmentos da obra lírica de Camões, recorrendo a palavras, imagens ou motivos do poeta português. Este é o romance em que Slauerhoff é «possuído» por Camões, de quem, como um vampiro, extrai o canto.

No rasto de Slauerhoff

Cees Nooteboom (1933), um dos escritores neerlandeses mais importantes da actualidade, não esconde o seu fascínio por Slauerhoff, que atravessa a sua obra quer como autor, quer como personagem. Dele diz Nooteboom:

«Às vezes penso que este nómada frísio, descendente de Rimbaud e tradutor de Ruben Dário, que escreve fados e soleares, e que estava empregnado dum variedade portuguesa de melancolia – que é a saudade –, era um quinto heterónimo de Pessoa,

uma sombra holandesa, chinesa, portuguesa, espanhola, por detrás de Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, por detrás do mestre bonequeiro, cinco senhores dos anos vinte e trinta que deambularam por Lisboa junto ao Tejo e falavam de Camões, Vasco da Gama e aguardente»⁹.

Desde jovem, Nooteboom segue o seu rasto em viagens pelo mundo fora. Assim conheceu Lisboa, cidade onde desenrola parte do seu romance *Het volgende verhaal*, traduzido para o português com o título *A história seguinte*¹⁰. Mais de meio século depois da estadia de Slauerhoff em Macau, Nooteboom visitou o enclave e dedicou-lhe um conto, em *Voorbije passages*, do qual apresentamos aqui um fragmento.

Quero agradecer a Arie Pos a tradução, as sugestões, a revisão crítica, em resumo, a ajuda imprescindível que prestou na elaboração deste texto.

¹ Convém esclarecer que em Macau não há nenhuma catedral dedicada a S. Miguel. O poema descreve, sem dúvida alguma, a famosa Catedral de S. Paulo. Existe, isso sim, um cemitério de S. Miguel. Terá sido erro ou intenção do autor?

² *História da literatura portuguesa ilustrada*, vol. II, Albino Forjaz de Sampaio (ed.), Paris-Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1930, p. 367.

³ A. Pos, «De strijd met de demon» in *Preludium. Tijdschrift voor literatuur*, 4-1, 8/9 jaargang, 1992, p. 26.

⁴ J. J. Slauerhoff, *O reino proibido* (tradução de P. Couto e A. Pos), Lisboa, Teorema, 1998.

⁵ Maria Vitalina Leal de Matos, *Introdução à poesia de Luís de Camões*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992, p. 13.

⁶ Gustavo Ramos, *Três obras literárias alemãs sobre Camões*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1922.

⁷ *Het China van Slauerhoff. Aantekeningen en ontwerpen voor de Cameron-romans*, W. Blok e K. Lekkerkerker (eds.), Haia, Nederlands Letterkundig Museum en Documentatiecentrum, 1985, pp. 22-24.

⁸ Uma primeira edição portuguesa da versão apreendida em 1926, *Macau Histórico*, foi publicada em 1990 pela Livros do Oriente.

⁹ C. Nooteboom, «Slauerhoff in vertaling. Bij de duitse uitgave van De opstand van Guadalajara.» *Bzzlletin*, 258, Setembro 1998, p. 6.

¹⁰ C. Nooteboom, *A história seguinte* (trad. A. M. Carvalho), Lisboa, Quetzal Editores, 1993.